**GINÁSIO MUNICIPAL DE MONTES CLAROS 1928 – 1949: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA**

**XI CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**A pesquisa em Educação: aprofundamento epistemológico e compromisso com as demandas sociais**

**31 mar., 1 e 2 abr. 2020 – Montes Claros (MG)**

**Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)**

**Profª. Drª. Maria de Fátima Gomes Lima do Nascimento**

Professora da Unimontes

mfatima.glnascimento@gmail.com

**Prof. Ms. Donizette Lima do Nascimento**

Professor da Unimontes

donizettenascimento@terra.com.br

**Resumo**

A presente comunicação apresenta à Academia parte da pesquisa que estamos realizando sobre “O Grupo Escolar Gonçalves Chaves – MG (1909) e o Ginásio Municipal de Montes Claros – MG (1928)”. Nossa discussão, neste momento, será especificamente sobre o Ginásio Municipal de Montes Claros – MG (1928). Para facilitar nossa interlocução, a âncora teórica é a História Política e a História da Educação e a História da Educação e a História Cultural, respectivamente, na perspectiva de Cynthia Greive Veiga e Thaís Nívia Lima e Fonseca. A metodologia é a memória com base nos trabalhos de Jacques Le Goff. As fontes: livros de memória de Célia N. Coutinho e jornal “Gazeta do Norte”. Nossa pretensão é publicizar a história da educação em Montes Claros, bem como a história do Ginásio Municipal de Montes Claros e ressignificar a importância social da instituição para a cidade de Montes Claros e região.

Palavras-chave: Ginásio Municipal, Educação, História e Memória.

**Introdução**

Falar sobre o Ginásio Municipal de Montes Claros (1928) remete a várias questões: educação, memória, história política, cultura, dentre outras.

Mas, para falarmos dessas questões, precisamos apresentar nosso objeto de análise: o Ginásio Municipal de Montes Claros (1928) que, conforme Célia Coutinho (1996), foi um educandário de ensino, instalado na cidade, sob a direta gestão da Mitra Diocesana, em março de 1928, por D. João Antônio Pimenta, e teve como primeiro diretor Cong. Eugênio Guypers e inspector federal Pe. Léo Lem. Na escrita de Coutinho (1996), notamos que a pedagogia desenvolvida no Ginásio era dentro de uma tradição católica, tanto didática quanto metodológica.

Entretanto, apesar do brilhante trabalho desempenhado pela Igreja em 1938, o coadjutor D. Aristides Porto tornou público que o Ginásio Municipal de Montes Claros passava por uma grande crise financeira. Para resolução do problema, conforme Coutinho (1996), D. João Pimenta nomeou Dr. Alfredo Coutinho, professor da Escola Normal oficial local “como Reitor Interino”.

No ano seguinte (1939), segundo Coutinho (1996), a comunidade católica, sabedora da situação financeira do ginário e de que este encerraria suas atividades, mobilizou-se – liderada pelos doutores: João Antônio Pimenta de Carvalho e Alfredo de Souza Coutinho – e organizou as “Sociedades por Quotas Ginásio Municipal de Montes Claros Ltda”.

A partir de então, o ginásio passou a contar com o apoio de vinte e quatro sócios e passou a ser administrado pelo Dr. Alfredo de Souza Coutinho. O Ginásio Municipal de Montes Claros foi reerguido pela sociedade católica, com o empenho dos padres. É notório, na documentação analisada, que a organização administrativa e pedagógica possibilitou o funcionamento da Instituição até 1949, com o ensino secundário de 1º grau.

Segundo Coutinho (1996), o Ginásio Municipal tinha material escolar moderno, laboratório, Salão Nobre, campo de jogos, material esportivo e ginástico, bandeira, banda, Grêmio Lítero-Esportivo, o jornal ‘A Voz do Estudante’ e Hino – de autoria de Leônidas Câmara e musicado por Dulce Sarmento.

Para entender a trajetória educativa do Ginásio Municipal de Montes Claros é necessário lembrar que a educação praticada na instituição era portadora de uma pedagogia católica, mas que atendia à elite cultural e político-social, constituída pelos padres, bacharéis e alguns intelectuais da municipalidade. Portanto, uma instituição que atendia aos interesses da elite local, em termos políticos e culturais.

**Referencial Teórico**

Analisar a educação numa perspectiva político-cultural traz, até certo modo, alguns incômodos, primeiro: nem sempre pensamos a educação como algo planejado nos gabinetes; segundo: a educação como prática deveria ser sempre algo social, sem considerar os interesses de grupos e, por fim, ser uma prática cultural com vistas às transformações da sociedade.

Nessa análise, não nos referimos à história política como uma divisão da história, “mas como uma modalidade da prática social que demanda referencial teórico para dar intelegibilidade às relações de forças presentes na sociedads em diferentes tempos e lugares” (VEIGA, 2008). Por entendermos que a chamada “nova história política” contribui, como nos afirma Veiga (2008), “para a ampliação das problematizações da educação como objeto histórico e, mais particularmente da escola como problema também do campo político”.

Nesse sentido, o Ginásio Municipal de Montes Claros estava ancorado numa estrutura de poder ligada diretamente à política, pois seus dirigentes pertenciam ao quadro da política local e, isso é claro, pesava nas decisões que ali se estabeleciam em todos os sentidos, principalmente, porque a política nos permite, segundo Veiga (2008), “problematizar a escola como inserida em relações ou forças que objetivaram algo inusitado a partir do século XIX: a extensão do saber ler e escrever à grande parte da população livre brasileira”.

O Ginásio Municipal de Montes Claros (1928-1949) foi, no século XX, uma extensão do saber ler e escrever, mantê-lo em funcionamento garantia a expansão do conhecimento, bem como a manutenção do saber para aqueles que faziam parte da elite dirigente. Educação, política e relações de poder e cultura marcaram a história e a memória da instituição. Para Maria Lúcia de Arruda Aranha (1996): “A partir das relações que estabeleciam entre si, os homens criam padrões de comportamento, instituições e sabres, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assimilar e modificar os modelos valorizados em determinada cultura”.

Com base no pensamento da autora, o Ginásio Municipal de Montes Claros tornou-se um lugar de memória. Segundo Aranha (1996), “É a educação, portanto que mantém viva a memória de um povo e dá condições para sua sobrevivência”. Entender a educação enquanto memória nos permite também interpretá-la como poder que estabelece vínculo com a política e com a cultura, uma vez que determina o caminho que a sociedade segue, sem questionar sua forma de representação. O papel político e da política está nesse simbolismo.

Nesse sentido, Veiga (2008) nos alerta que: “uma das tarefas da história política é captar as formas particulares nas quais se revelam as matrizes simbólicas que dão intelegibilidade às experiências coletivas e individuais, em suas relações de interdenpendência”.

O Ginásio Municipal de Montes Claros foi o espaço onde professores e alunos interagiram conhecimento, política e cultura e fizeram da instituição: “A escola, lugar de produção de gerações, é, por isso, o lugar onde se articulam o social e sua representação – um lugar do político e da política” (VEIGA, 2008, p.45). Se a escola é o lugar das articulações políticas e sociais, é também, sem dúvida, de aportes culturais. Thaís Nívia de Lima e Fonseca (2008, p.65) nos lembra que: “Os valores, crenças e atitudes presentes na cultura escolar, no ensino de determinadas disciplinas, em procediementos pedagógicos, entre outros aspectos que constituem os diversos objetos de investigação do historiador da educação".

A partir dessa perspectiva, o Ginásio Municipal de Montes Claros representou, no período analisado, “os valores, crenças e atitudes presentes na cultura escolar” (FONSECA, 2008) de todo país. Na documentação consultada, percebemos que havia, na instituição, uma valorização do conhecimento, das artes enquanto cultura. Por isso, as representações e seus sentidos nos permitem fazer uma breve análise da história e da memória do Ginásio Municipal de Montes Claros.

**Referencial Metodológico**

Tomamos como base metodológica para essa comunicação a memória na perspectiva de Jacques Le Goff, por entendermos que ela nos traz a história do Ginásio Municipal e possibilita um conhecimento e um ressignificado da História da Educação Local de seus mestres e alunos.

Ao utilizar o pensamento de Le Goff (2008) é possível entender as narrativas que Coutinho (1996) constitui sobre o Ginásio Municipal de Montes Claros e percebemos o quão foi importante a escrita dela para conhecermos a educação praticada na instituição. Por meio do discurso memorial da escritora, denotamos o papel da Mitra Diocesana e da sociedade para ter em Montes Claros um processo educativo que desse continuidade aos primeiros anos de escolaridade. O trabalho desenvolvido na instituição possibilitou esse exercício durante vinte e um anos de existência.

**Considerações Finais**

A análsie da documentação consultada nos possibilitou conhecer um pouco mais da história da educação local, como foi construída, seus objetivos e a luta para a sua manutenção. A história e a memória do Ginásio Municipal de Montes Claros estão diretamente ligadas à história política e à história cultural. O exercício da docência no período era o status para um bacharel e, por esse motivo, exercê-la era uma prática de extrema importância. Conhecer a história e a memória dessas instituições também é ressignificar a nossa própria história.

**Referências Bibliográficas**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. 2ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

COUTINHO, Célia Nascimento. Os Coutinho: tradição, percursos, ramificações, permanências. 4 v. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1996.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. História e História da Educação no Brasil. Belo Horizonte; Autêntica, 2008.

LE GOFF, Jacques: História e memória. 5 ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2008.

VEIGA, Cynthia Greive. História e historiogrfia. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.